

ANO 9 | Nº 110 | NOV. E DEZ. 2024 | R\$ 15,00

VILA SEVERO

A VERDADEIRA HISTÓRIA DO
IMÓVEL-SEDE DO CENTRO DE
TURISMO DE NATAL

ITALO BALBO

O VOO ÉPICO DO MINISTRO
DE MUSSOLINI QUE TROUXE A
COLUNA CAPITOLINA PARA NATAL

JARBAS BEZERRA

JURISTA, PROFESSOR E CRIADOR DA TEORIA DA CIDADANIA
QUE CARREGA NA VEIA A PAIXÃO PELA EDUCAÇÃO CIDADÃ



A MAIOR
VARIEDADE DE LOJAS,
GASTRONOMIA E
LAZER PARA FAZER

todo mundo mais feliz



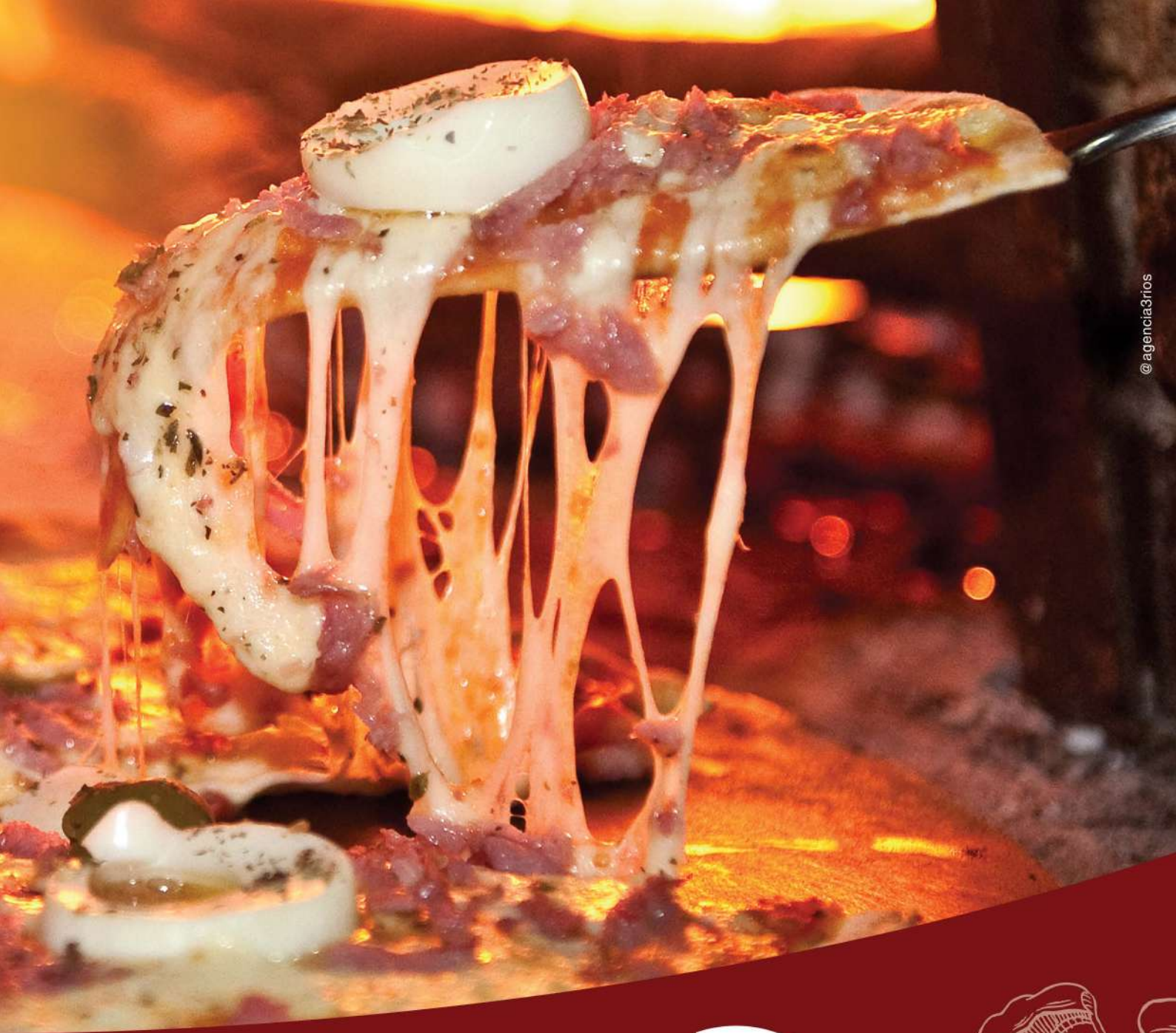
O que já era incrível, vai ficar ainda melhor. A ampliação da área gourmet do Midway marca um novo momento para o shopping, trazendo mais experiências com a chegada de quatro novos restaurantes. Nomes de destaque, como o Mangai, referência em gastronomia nordestina, o tradicional Tábua de Carne com um novo conceito, o Cardume Sushi e sua culinária japonesa contemporânea e o badalado e sofisticado Cicchetti, juntando-se aos queridos restaurantes de sabores marcantes: Camarões, Zeh Cozinha, Sicília Cucina e Outback. São mais de 50 opções de alimentação das mais diversas categorias, que buscam consolidar o Midway como um dos principais polos gastronômicos de Natal. E as novidades não param por aí. Grandes marcas, como a renomada Reserva com seus looks clássicos e estilosos e a Lindt, com seus deliciosos chocolates suíços, também chegam para compor nossa grande variedade de lojas, planejada para atender a todos os públicos. É assim que nos conectamos às pessoas. É assim que o Midway pensa sempre em você.



Vamos,
vamos, **vamos lá...**



A Pizzaria Calígula, pelo sabor que alimenta sensações, fez da Praia de Pipa sua morada e se transformou em uma deliciosa tradição. A fama de aliar sabor e arte foi compartilhada por muitos e seus encantos gastronômicos se expandiram para Natal e Fortaleza. Calígula aqui no RN, Calígula lá no CE. Vamos, vamos, vamos lá: embarque com a gente e simplesmente sinta.



@agencia3trios



caligulapraiadapipa
caligulapizzarianatal
caligulapizzariafortaleza



CALÍGULA

Pizzaria e Ristorante

Desde 1988

• Praia da Pipa • Natal • Fortaleza

(84) 99612.0447



Diminuir a capacidade de
pessoas com deficiência é

CAPACISTA

Toda a discriminação, violência ou atitude contra a pessoa com deficiência, tem nome: é capacitismo. Tratar as pessoas com deficiência como se fossem heróis, contratar apenas para cumprir uma cota ou qualquer outra coisa envolvendo deficiência, é capacitismo. Somente no RN, quase 30% da população tem algum tipo de deficiência. A Lei Brasileira de Inclusão está presente para garantir os seus direitos. E um deles é o respeito às diferenças. Esta é uma campanha anticapacitista promovida pela ALRN.



ITISMO

INFORME-SE.
APRENDA.
NÃO FAÇA.

o. Tratar
er piada
iência. A
erenças.



Acesse o QR Code
ou @assembleiarn
e saiba mais.



Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa



PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.bznoticias.com.br

@bznoticias

bznoticias

SUGESTÕES DE PAUTA,
CRÍTICAS E ELOGIOS

bznoticias@bznoticias.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@bznoticias.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

IMPRESSÃO

IMPRESSÃO GRÁFICA

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

COLABORADORES

ANDERSON TAVARES DE LYRA,

FERNANDO AZEVÊDO,

MANOEL DE OLIVEIRA CAVALCANTI NETO,

OCTÁVIO SANTIAGO, ROSTAND MEDEIROS

CAPAS

ALEX COSTA (MARTIM CABRAL)

CÍCERO OLIVEIRA (JARBAS BEZERRA)

PORTUGAL

EDITORIAL | HISTÓRIA



Manoel de Oliveira Cavalcanti Neto
Historiador
manoletto@outlook.com

"O mito é o nada que é tudo"
(Fernando Pessoa em Mensagem)

PAULO DA GAMA E VASCO DA GAMA

A ARMADA DOS GAMA

A EXPEDIÇÃO DE 1497/1499

Foto: Sotilapço

O europeu, através de Portugal, dominaram o Atlântico, uniram o mundo ao chegarem à Índia em 1498, quebraram a barreira dos oceanos e promoveram a globalização, emborã a comunicação ainda fosse lenta e demorada. O conhecimento adquirido pelas nossas viagens, mostra delas as viagens secretas pelo Atlântico Sul, entre 1488, quando Bartolomeu Dias contornou o Cabo da Boa Esperança e navegou por 600km na costa Oriental africana, em 1487, quando partiu sua expedição com destino à Índia. Para muitos as viagens estavam restritas à África e ao Golfo da Guiné. Entretanto, concordamos quanto à necessidade da grande volta ao mar para uma navegação rápida e segura para escapar das calmas e ventos de baixa intensidade, prós-

mos do Equador e em latitudes mais ao Sul, que variavam ao longo do ano.
A expedição que partiu de Lisboa em 8 de julho de 1497 era composta da nau São Rafael, comandada por Paulo da Gama e como piloto João de Coimbra; nau São Gabriel, sob o comando de Vasco da Gama, irmão de Paulo, que tinha como piloto Pedro de Albuquerque; da nau da caravela Bênis, comandada por Nicolau Coelho e como piloto Pedro Escobar; e nau São Miguel, "naves de munitimento", sob o comando de Gonçalo Nunes e como piloto Alonso Gonçalves, que viveu e se queimou na costa Oriental africana. Partiu acompanhado por Bartolomeu Dias que seguiu numa outra caravela, oficialmente rumo à Mina, seguindo a rota já experimentada pelos anteriores exploradores ao

14

14

MESAS COM AFETO

TRADICIONAL MESA POSTA GANHA TOQUES DE REQUINTE E MODERNIDADE

QUANDO AS LOUÇAS VIRAM JOIAS E HISTÓRIAS, O CARINHO É O CARRO-CHEFE

Por Fernando Azevedo | Foto: Cícero Oliveira e amigos pessoais

Receber em casa nunca foi das verdades — mas raro. Com cada vez mais opções de lazer fora do ambiente doméstico para reunir amigos e familiares, a tradição de montar a mesa para receber está sendo reavaliada. Mesmo quem já era adepto, por vezes reduziu o uso da mesa posta ou teve de se adaptar à correria da cotidiana. Sentar à mesa e convidar pessoas é, antes de mais nada, um momento valioso, de descontração com as preocupações do trabalho, as novidades das redes sociais e o barulho fora de casa.



RECEBER EM CASA NUNCA FOI DAS VERDADES — MAS RARO.

19

REPORTAGEM | GASTRONOMIA



FABIANA LIBA

OFICINA DE SABORES

Por Diana Lima

Costinha também se aprende de sem precisar idade. E quando se aprende a arte de reunir diversidade e sabores com descontração, coloco doses de criatividade. Assim são as oficinas de receitas da chef Fabiana Liba no Engenho Cultural, em Natal. Principalmente em jantares harmonizados com vinho, com as habilidades do chefrestro gourmetand Getulio Soares e o viário do arquiteto e gourmet Fabiano Pereira. São sempre no capricho. Você terá sorte se um desses momentos

30

NATAL

EDITORIAL | HISTÓRIA



Anderson Tavares de Lyra
Historiador
Vinte e Três de História e Geografia:
www.andersontavares.blogspot.com



Alberto Maranhão e família chegam à Vila Nova

CENTRO DE TURISMO DE NATAL

A VERDADEIRA HISTÓRIA

DE ASILO DE MENDICIDADE, CASA DE DETENÇÃO A CENTRO DE TURISMO DE NATAL

10

10

EDITORIAL | HISTÓRIA



Rostand Medeiros
Historiador e escritor



ITALO BALBO

O VOO ÉPICO E O BANHO DE MAR DO PILOTO ITALIANO EM NATAL

O QUE SIGNIFICA ESSA FOTO COM ESSAS PESSOAS EM UMA PRAIA? QUANDO E ONDE ELA FOI FEITA? QUEM SÃO AS PESSOAS QUE ESTÃO NESSA FOTO?

20

20

REPORTAGEM | ESPECIAL



CAMPO DAS ARTES

Um refúgio PARA AS ARTES

ATOR LUIS MELO CRIA ESPAÇO ONDE ARTISTAS PODEM SE APRESENTAR, RESIDIR TEMPORARIAMENTE E ENCONTRAR INSPIRAÇÃO

Por Octávio Santiago

Não é por acaso que o Campo das Artes parece ter sido de um sonho. Por muitos anos, ele habitou o imaginário de Luís Melo, renomado ator de teatro e televisão, até se tornar realidade. Em meio à paisagem cativante dos Campos Gerais do Paraná, a 60 km de Curitiba,

entre matas e araucárias, o ator oferece um refúgio para a arte e a cultura em meio à natureza. Seja em eventos pontuais ou por meio de residências artísticas, o local oferece um espaço pessoal, o Campo das Artes se destaca como um dos centros culturais mais singulares do Brasil, com uma proposta in-

30



CARTEIRA DE ESTUDANTE

Faça já a sua!

+ QUE UM DOCUMENTO.
Uma maneira inteligente de **Ser Estudante!**

MEIA PASSAGEM
NOS ÔNIBUS
MUNICIPAIS
E ESTADUAIS;

MEIA ENTRADA
NOS EVENTOS
CULTURAIS
NACIONAIS;

**CLUBE DE
DESCONTOS
NUBUS**
EM LOJAS
PARCEIRAS EM
NATAL E NA
GRANDE NATAL

MODA | ALIMENTAÇÃO | SAÚDE | ESTÉTICA | ACADEMIA | EDUCAÇÃO

Apresente sua carteira no estabelecimento e ganhe descontos exclusivos em **+ de 100** lojas parceiras espalhadas pela cidade.



Em 2025, garanta já a sua a partir de Janeiro.

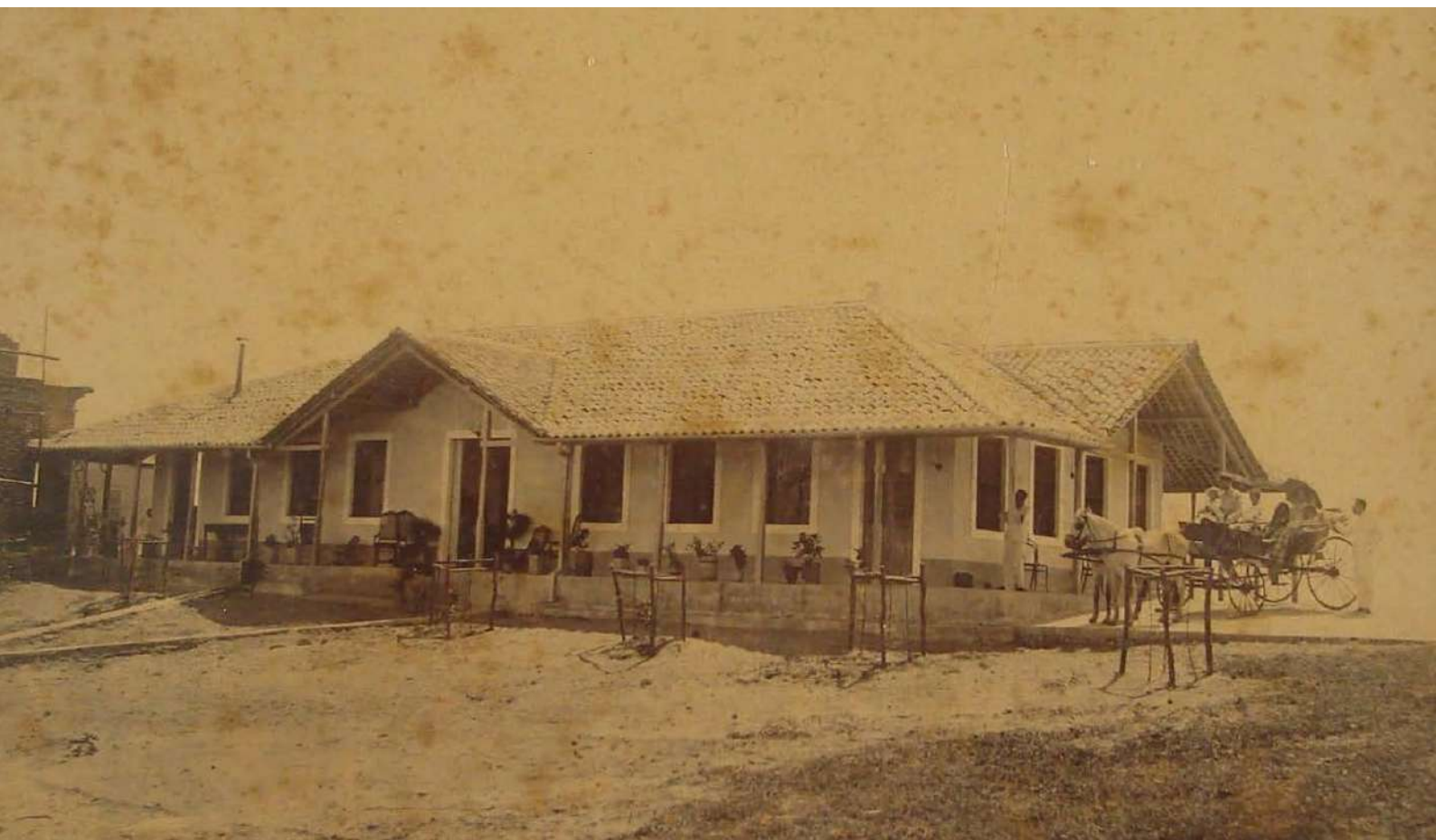
Acesse: nubusnatal.com.br ou baixe o App Nubus Natal.



@nubusnatal



Anderson Tavares de Lyra
Historiador
Visite o BLOG de HISTÓRIA E GENEALOGIA:
www.andersontavaresrn.blogspot.com



Alberto Maranhão e família chegam a Vila Severo

CENTRO DE TURISMO DE NATAL

A VERDADEIRA
HISTÓRIA

DE ASILO DE MENDICIDADE, CASA DE DETENÇÃO A
CENTRO DE TURISMO DE NATAL

Com o advento das redes sociais as pessoas que apreciam a história do Rio Grande do Norte, mais especificamente as fotografias antigas do Estado e da cidade do Natal, possuem uma ferramenta interessante que auxilia no conhecimento do passado. Entretanto, algumas postagens apresentam inconsistências, que se não analisadas permanecem como verdades, sendo reproduzidas nos mais variados meios.

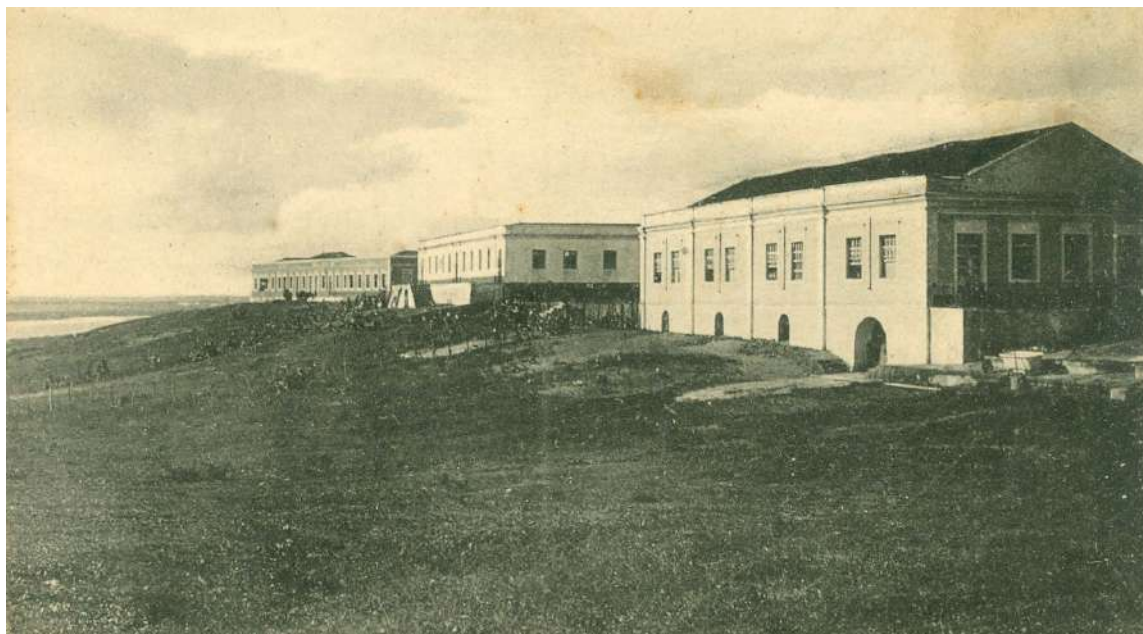
Um dos fatos mais propagados e interessantes remete ao atual prédio do Centro de Turismo de Natal, como tendo sido a antiga residência de d. Ignez Augusta de Albuquerque Maranhão, viúva do industrial Juvino César Paes Barreto, o que é um engano.

Para compreendermos essa questão, temos que observar a dinâmica da ocupação e utilização do chamado “Monte”, “Belmonte” ou “Belomonte”, nomes pelos quais as documentações específicas apontam para o atual bairro de Petrópolis, assim como a história da “Villa Severo”, atualmente com seus terrenos divididos.

Em maio de 1902, faleceu em Paris, na explosão

do balão Pax, o deputado federal Augusto Severo. Em sua homenagem, Alberto Maranhão, seu irmão mais novo, denominou a sua casa de campo de “Villa Severo”, cujo início da construção ocorrera em princípios do ano. Foi daquele platô que Augusto Severo, em setembro de 1901, revelou a Henrique Castriciano, apontando para a Fortaleza dos Santos Reis Magos, que ali seria pista de retorno.

Alberto Maranhão vendeu a propriedade em conjunto com sua sogra D. Ignez e seu cunhado Pio Barreto ao Coronel Aureliano Medeiros, que pouco tempo depois repassou tudo ao Estado do Rio Grande do Norte para na antiga casa de Alberto Maranhão ser instalado o Hospital de Caridade Juvino Barreto. O prédio da casa de Pio Barreto foi adaptado para ser a Casa de Detenção de Natal e mais para o Norte do “Monte”, foi erguido o Asylo de Mendicidade João Maria, conforme podemos observar nas declarações do próprio governador, que em 1911 declarava que a Casa de Detenção tinha o valor de 53:000\$000 e a sua construção correu sob o valor de 52:951\$600.



Em primeiro plano parte da casa de Ignez Barreto, seguida pela de Pio Barreto (depois Casa de Detenção) e o Asylo de Mendicidade



Inauguração da Casa de Detenção

Ainda se referindo à Casa de Detenção (antiga residência de Pio Barreto), o governador afirmava aos Deputados:

Inaugurou-se a 20 de maio do corrente anno a nova Casa de Detenção desta cidade, que construí no Monte Petropolis em local que oferece as mais perfeitas condições de salubridade e segurança. O edifício, de fôrma rectangular, dispõe de cellulas arejadas duplamente por aberturas interiores e exteriores, deitando as primeiras para um clausstro espaçoso e bem illuminado. Dispõe, além disso, a nova Casa de Detenção de salões regulares para o corpo da guarda e para officinas, carecendo estas, porém, do aparelhamento indispensável para melhorar a situação moral, physica e economica dos detidos, que se devem sanear e rehabilitar pelo trabalho.

Também no ano de 1911, foi inaugurado o “Asylo de Mendicidade João Maria”, em homenagem ao Padre João Maria Cavalcanti de Brito, falecido no dia 16 de outubro de 1905. E que tinha o objetivo de acolher as pessoas pobres que perambulavam pelas ruas da cidade.

No dia 25 de maio de 1920, sob o Decreto de nº 118, o então Asilo de Mendicidade de Natal passa a também atender Meninas órfãs. Conforme aponta o Decreto de criação: Art 1º. O actual Asylo de Mendicidade João Maria, creado e mantido pelo governo do Estado, passará a constituir, da data deste regulamento em deante, um abrigo para meninas orphãs desvalidas, sob a denominação de “Orphanato João Maria”.

Somente nos 1940, quando da desativação do asilo de mendicidade, então transformado em Orfanato Padre João Maria, é que o prédio foi reformado e transformado na nova Casa de Detenção.



Asylo de Mendicidade Padre João Maria em 1911



Casa de Detenção de Natal, no local onde fora a casa de Pio Poes Barreto

Em janeiro de 1946, o Interventor Miguel Seabra Fagundes mandou abrir concorrência pública para a realização de adaptações no antigo Asilo de Mendicidade visando a instalação da Casa de Detenção. Na oportunidade, justificou o Interventor:

A atual instalação da casa de Detenção é alguma coisa de deprimente, pelo que de falta de higiene e conforto ali se constata. Ao Estado não é dado, em consequência das suas modestas possibilidades, construir uma penitenciária. Mas lhe incube atenuar essa situação como possível. O antigo edifício do Instituto Padre João Maria presta-se a isso, por espaço e arejado, contanto que se lhe faça a necessária adaptação.

Em 6 de maio de 1946, o governo do Interventor Ubaldo Bezerra de Melo anunciava que a adaptação do antigo “Orfanato Padre João Maria atingiria 150 mil cruzeiros e afirmava que:

Com a adaptação, o prédio que tem área superior três vezes ao atual, ficará apto a servir de presídio a talvez 100 detentos, que terão em

suas celas luz direta, além de contar com amplos salões para as suas oficinas. Os trabalhos de adaptação já foram iniciados, neles colaborando diversos dos detentos, que recebem salários igual aos dos operários. As obras durarão de 2 a 3 meses.

Em 12 de janeiro de 1947, a Juventude Mariana, liderada pelo padre Eugênio Salles, celebrou missa na nova capela da Casa de Detenção.

No dia 28 de abril de 1968, a Casa de Detenção de Petrópolis foi oficialmente desativada e transferida para a recém-inaugurada Colônia Penal Dr. João Chaves. Assim, de 1968 a 1976, o prédio ficou abandonado, chegando às ruínas. Foi restaurado e transformado em Centro de Turismo de Natal, inaugurado no dia 13 de novembro de 1976 e assim permanece até hoje.

Embora encravado dentro das terras da antiga Vila Severo, o Centro de Turismo de Natal é uma construção de 1911, erguida para ser um Asylo de Mendicidade, depois transformado em Orfanato e mais adiante em Casa de Detenção para, finalmente, receber a arte e cultura do povo potiguar.

JARBAS BEZERRA

FACES DE UM APAIXONADO PELA EDUCAÇÃO CIDADÃ,
AUTOR DA INÉDITA TEORIA DA CIDADANIA

Por Fernando Azevêdo | Fotos: Cícero Oliveira

De juiz mais jovem do Brasil a professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e criador da Teoria da Cidadania, este caicoense viu sua paixão por dois aspectos centrais na sociedade crescer cada vez mais: a educação e a cidadania. A criança que brincava de ser professor aos 10 anos, no fundo de casa, formou-se em Direito pela mesma universidade em que está como docente. E quer passar o restante da vida ensinando.

Jarbas Bezerra, 58, é um apaixonado pela educação cidadã e explicou, em sua tese de doutorado, por que a cidadania é uma ciência jurídica. Por este feito, ficou conhecido na comunidade científica internacional como o criador da Teoria Jurídica Universal da Cidadania. O potiguar se dedica, desde então, a demonstrar sua tese em palestras e eventos nacionais e internacionais. A obra virou o livro “A Cidadania como Ciência: aspectos da

conduta educativa da cidadania como ciência jurídica” (Idearte, 2022).

Aos 21, formou-se pela UFRN e chegou a advogar por um ano e meio. Depois, passou em seu primeiro concurso como promotor de Justiça. Quando tinha 24 anos, entrou para a magistratura e já foi considerado o juiz mais novo do Brasil. Nessa posição, passou 34 anos e meio. Foi juiz eleitoral durante seis anos, na Corte do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte (TRE-RN), trabalhou no Ministério Público Estadual, no Tribunal Regional do Trabalho – 21ª Região e no Tribunal de Justiça do RN.

Durante sua passagem pelos tribunais, conciliou a magistratura com o ensino em universidades privadas. Vinte e cinco anos depois de passar em terceiro lugar no concurso de docentes da UFRN, foi convocado e se aposentou da carreira de juiz. Orgulhosamente, dá aulas de Direito Penal.





DESCOBERTA POR MEIO DA LEITURA

Jarbas Bezerra descobriu sua vocação para o Direito por meio da obra de Agatha Christie sobre crimes. “Ela me fascinou pelo Direito. Quando eu fui fazer faculdade, queria continuar sendo professor [como brincava na infância], mas pensei: qual era a profissão que iria me ajudar, que eu poderia acumular as duas coisas?”.

Além disso, ele conta que sempre exercia um papel de bom jogador quando havia discussões na escola, pois tomava partido e tinha “um sentimento de justiça muito grande”. Define-se, antes de tudo, como um bom conselheiro. “Eu não gosto de me meter na história dos outros, mas quando alguém me pede uma opinião, eu digo: olha, você poderia ter feito isso e tal. Assim, dou um conselho”, afirma.

Em sua carreira, dois episódios foram memoráveis, ambos envolvendo casamentos. Em 2008, foi responsável por celebrar um casório em uma quadra de tênis na capital potiguar, que foi coberto pelo programa Globo Esporte, da Rede Globo. Já em 1991, na comarca de Tangará (RN), não houve o final feliz próprio à ocasião: no altar, o noivo disse não.

O currículo do jurista comporta diversas ocupações. Relata que já trabalhou julgando casos de tortura, experiência da qual resulta seu primeiro livro, “Tortura: mecanismo arbitrário de negação da cidadania” (Lidador, 2001). Isso porque foi juiz da 3ª Vara Criminal, que julgava crimes de tortura no RN. A lei para esses delitos surgiu pouco antes da obra, em 1997. Segundo ele, o tema tem relação com a cidadania e foi discutido em seu curso de especialização em Direito e Cidadania (UFRN).



“Minha mãe é uma mulher extremamente afetuosa e passou esse afeto para mim. E me mostrou que a gente só poderia ser alguma coisa, quando não nascemos em berço de ouro, com a educação. É por isso que eu sou tão apaixonado pela educação e me emociono.”



CIDADANIA EM CENA

Foi nesse período que o seridoense se aprofundou no tema da cidadania. “Vários professores falavam muito sobre cidadania, e eu não me conformava, eu sempre achava que cidadania era algo mais”. Junto à amiga Lígia Limeira, ele criou o Centro Brasileiro de Educação e Cidadania e idealizou o Probec – Programa Brasileiro de Educação e Cidadania, que visa educar desde as crianças até os universitários.

Mestre em Direito pela Universidade do País Basco, os mais de 30 anos lidando com a abordagem de cidadania e as suas

inquietações levaram Jarbas até o Doutorado em Educação da UFRN, que foi orientado pela professora Betânia Ramalho. “Fui a primeira pessoa no mundo a falar que a cidadania é uma ciência e comprovar através dessa teoria”, celebra. Ele explica que usou uma linguagem semiótica para testar sua hipótese e criar o conceito.

Para ele, a cidadania seria um tema muito importante para não ser ciência, mas apenas um princípio. Jarbas concluiu que a cidadania está composta pelos aspectos fato, valor, norma

e conduta (direitos e deveres). Também compartilhou com a comunidade científica que a cidadania não é plena, ela é ideal.

“A cada direito corresponde um dever”: uma das considerações desta pesquisa, que bebeu referências diversas do Direito e de outras áreas para compreender o tema, é que, se um dos direitos ou deveres for desrespeitado, a cidadania é inexistente e, em um nível mais grave, é mutilada. “Por exemplo, quando existe preconceito, quando existe intolerância, a cidadania fica mutilada”, esclarece.

A EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Jarbas conta que aprendeu com a mãe, Dionísia Bezerra, que a educação é um meio de transformar a vida das pessoas. Ele nasceu no Seridó potiguar, onde ficou até os 5 anos de idade, morou em Brasília (DF) até os 17 anos e mudou-se para a Cidade do Sol em 1983. Perdeu o pai aos 23 anos, pouco antes de se tornar juiz. Tem uma irmã mais velha e dois sobrinhos por quem tem muito carinho. A sobrinha seguiu seus passos e formou-se em Direito.

“Minha mãe é uma mulher extremamente afetuosa e passou esse afeto para mim. E me mostrou que a gente só poderia ser alguma coisa, quando não nascemos em berço de ouro, com a educação. É por isso que eu sou tão apaixonado pela educação e me emociono”, declara.

O professor destaca que gosta de trabalhar com crianças e adolescentes por meio da educação cidadã. Junto com a ex-servidora do TRE-RN Lígia Lima, elaborou cartilhas para esse público, explicando de forma lúdica o que é cidadania, quais são os direitos e os deveres, entre outros assuntos.


Com a parceria de Lima, lançou o “Manual Prático das Eleições”, em 2004, que teve oito edições. O título trazia orientações sobre como os brasileiros devem viver o processo eleitoral. Já em 2024, Bezerra lançou

o livro “Propaganda Eleitoral: história das eleições no Brasil” (Probec, 2024). O livro é considerado útil para os eleitores,

políticos e demais públicos interessados. Seu próximo projeto será sobre educação nas redes sociais.



AUTODEFINIÇÕES DE UM AQUARIANO



“Tenho que viajar pelo mundo duas vezes por ano e gosto de países inusitados. Eu não gosto dessa mesmice dos Estados Unidos e Europa. Quero ir para países que poucas pessoas conhecem.”

Uma característica do jurista é a assiduidade com que assiste a filmes no cinema. Segundo ele, todos os fins de semana frequenta esse espaço, vendo obras de diversos gêneros – exceto terror. Seu filme favorito é “Lendas da Paixão” (1994), estrelado por Brad Pitt. É fã de romances, comédias, aventuras e dramas, e considera-se romântico.

Define-se ainda como uma pessoa prática, sonhadora, decidida e revela que foge da ansiedade, evitando coisas como montanhas-russas e expectativas em demasia. “Por exemplo, minhas viagens são criadas um mês antes. A ansiedade quebra o brilho da coisa”. Frisa que um dos grandes aprendizados que teve com o passar do tempo foi dizer não.

Um de seus *hobbies* favoritos é viajar, e há uma estante em seu apartamento que traduz isso, com lembrancinhas de países e locais onde o jurista esteve. Mais de 40 países estão na lista, alguns deles visitados durante palestras que realizou. “Tenho que viajar pelo mundo duas vezes por ano e gosto de países inusitados. Eu não gosto dessa mesmice dos Estados Unidos e Europa. Quero ir para países que poucas pessoas conhecem”, pontua.

De poucos amigos, pois é seletivo, e muitos conhecidos, sabe

a diferença entre o amigo para todas as horas e o colega para as horas oportunas. Demonstra em suas reflexões maturidade e sabedoria sobre assuntos como o ouvir, que é mais importante que falar demais. “Hoje a gente vive num mundo muito mal interpretado”, considera.

Este aquariano é também decidido, porque “um juiz julga as pessoas. Ora, se eu decido a vida das pessoas, por que que eu não vou decidir a minha?”. Adiciona: “Uma coisa que me deixa muito chateado é conviver com pessoas indecisas, que não sabem o que querem”. Em entrevista exclusiva para *Bzzz*, ele reflete sobre política, lamentando a divisão do Brasil. Diz que tem amigos de diversas ideologias e, quando questionado, não se rotula como pertencente a nenhum grupo ideológico.

Jarbas mostra-se entusiasmado com o futuro, porque ainda tem “muita coisa para fazer e muita gasolina para queimar”. Ele conclui que amadureceu e está vivendo um auge, e reitera que seu próximo livro será sobre a educação nas redes sociais. “Meu objetivo é ganhar o mundo com este trabalho de educação cidadã, fazer sustentação oral em tribunais superiores e atuar em causas que eu ache que valham a pena”.



Rostand Medeiros
Historiador e escritor



ÍTALO BALBO

O VOO ÉPICO E O BANHO DE MAR

DO PILOTO ITALIANO EM NATAL

O QUE SIGNIFICA ESSA FOTO COM ESSAS PESSOAS EM
UMA PRAIA? QUANDO E ONDE ELA FOI FEITA? QUEM SÃO
AS PESSOAS QUE ESTÃO NESSA FOTO?

Ela foi realizada em 10 de janeiro de 1931, na praia de Areia Preta, Natal, e entre os que foram fotografados estava a matriarca de uma das mais importantes famílias potiguares, Branca Pedroza, e seus três filhos, cujo um deles seria prefeito da capital potiguar e governador do Rio Grande do Norte, Sylvio Piza Pedroza. Já os homens clicados eram dois italianos, dos mais importantes aviadores do mundo naquela época e que lideraram uma esquadrilha de doze hidroaviões hidroavião Savoia-Marchetti S.55A que voaram desde a Itália até Natal, em um voo de grande destaque mundial. Além disso, eles trouxeram do seu país o presente mais importante que Natal já recebeu em sua História, a Coluna Capitolina. Esses homens também eram membros proeminentes de uma ditadura que propagava uma ideologia política nefasta, de caráter ultranacionalista, fortemente autoritário e altamente sanguinário. Era o fascismo implantado por Benito Mussolini na Itália. Ítalo Balbo era

Ministro da Aviação desse governo, sendo um dos principais executores da política de aviação italiana no período fascista.

Balbo e sua equipe iniciaram no final da década de 1920 diversos estudos para a realização de grandes voos com várias aeronaves, algo até então nunca

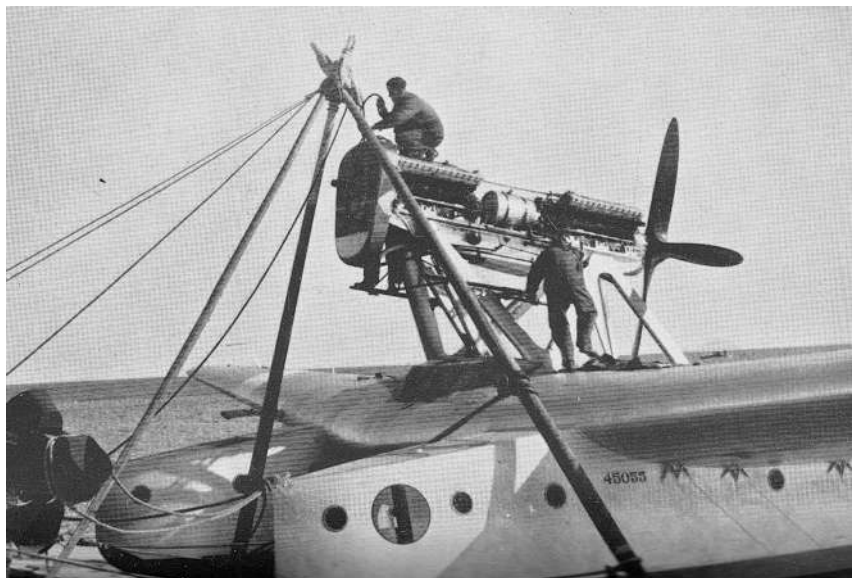
realizado e que repercutiria nas ações da Itália Fascista em todo o mundo. Um desses voos teve como destino o Brasil.

No dia de Natal de 1930, Balbo e seus comandados chegaram na Ilha de Bolama, no arquipélago dos Bijagós, na Guiné Portuguesa, atual Guiné Bissau. Ficaram alguns dias realizando testes de decolagem e, com o resultado dessas provas, na madrugada de 5 de janeiro de 1931, segunda-feira, decolaram para várias horas depois amerisarem no Rio Potengi, em Natal. No percurso, houve problemas sérios com perdas de aeronaves e a morte de cinco homens.

Enquanto eles realizavam seu voo, em Natal, na Catedral de Nossa Senhora da Apresentação, na Praça André de Albuquerque, foram colocadas no alto da sua

única torre duas grandes bandeiras do Brasil e da Itália. Escoiteiros se posicionaram naquele local equipados com binóculos e lunetas. Tinham ordens expressas para quando avistassem as primeiras aeronaves informassem imediatamente o sineiro da velha igreja, que começaria a badalar os sinos pesados para que o povo fosse informado da chegada dos hidroaviões Savoia-Marchetti.

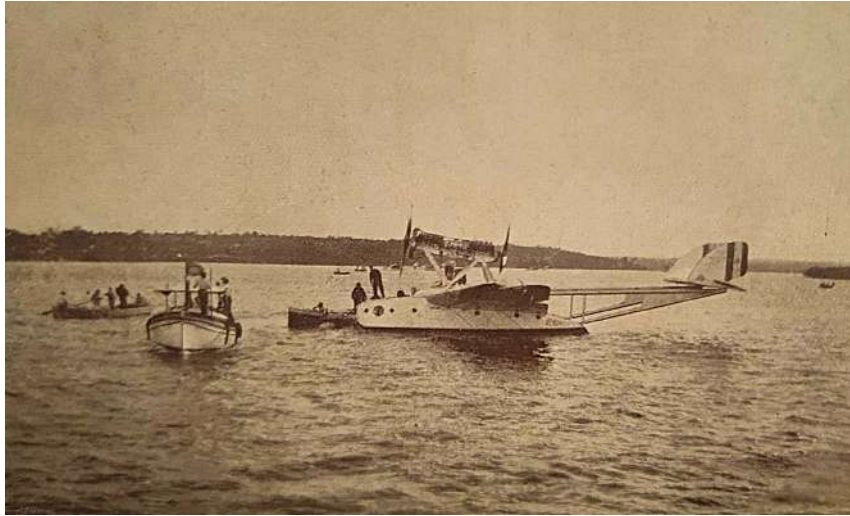
Pessoas se aglomeraram no cais do Porto de Natal, na Av. Tavares de Lira e nos prédios e casas às margens do Rio Potengi. Quem tinha alguma coisa que flutuasse estava dentro do rio, o que deu muito trabalho para o pessoal da Capitania dos Portos, pois o plácido Potengi tinha de ser liberado para a amerissagem das aeronaves.



O hidroavião Savoia-Marchetti S.55A.

O general italiano Aldo Pellegrini havia desembarcado em Natal no começo de dezembro para preparar a chegada de Balbo e dos seus aviadores. No dia 5 de janeiro esse militar ficou muito tempo em uma estação de rádio montada pelo Telégrafo Nacional no bairro do Alecrim, na Rua Coronel Estevão. Paulo Pinheiro de Viveiros nos conta em sua placa denominada “Presença de Roma em Natal” (1969), que essa estação possuía transmissores de ondas curtas de 250 e 500 watts e o responsável era Augusto Mena Barreto. Quando ficou certo que as aeronaves estavam chegando, o general Pellegrini foi para a Ribeira e por onde passou recebeu manifestações entusiásticas de carinho.

Os jornais comentaram que várias pessoas vieram de outros estados para acompanhar a chegada da esquadrilha italiana. Sei que por aqui se encontravam Antenor de França Navarro, então Interventor Federal da Paraíba, acompanhado de vários elementos do seu governo. Por volta das três horas o comércio e as repartições públicas fecharam suas portas e a massa de gente cresceu nas ruas. Finalmente, por volta das quatro horas os escoteiros na catedral viram surgir em direção ao norte os primeiros hidroaviões S.55A e logo os sinos começaram a badalar.



Hidroavião italiano no Rio Potengi

“GIOVINEZZA” NO RIO POTENGI

Às duas da tarde daquele 5 de janeiro inesquecível, a esquadrilha passou por Fernando de Noronha e pouco mais de duas horas depois, para delírio da multidão, as primeiras aeronaves sobrevoavam Natal. Balbo mencionou em seu livro “Stormi in volo sull’oceano” (pág. 206) que chegou à capital potiguar às quatro horas e trinta minutos da tarde e assim descreveu: “Neste momento todo o cansaço desaparece. Estamos em voo por cerca de 18 horas. Quando tocamos as águas de Natal, a cabeça fica um pouco confusa e nossos ouvidos estão zumbindo, mas nosso coração está leve e brincalhão”. Nas páginas seguintes o aviador deixou registrado que após desligarem os motores ouviram o badalar de vários sinos das igrejas de Natal e registrou: “São os bronzes de Natal, a própria cidade de sonho, com um nome curto e deslumbrante” (pág. 207).

Antes mesmo de colocarem os pés na terra, flutuando a bordo dos S.55A no Rio Potengi, Balbo e seus homens ouviram um outro som, esse mais familiar, que os deixaram maravilhados. Assim Balbo falou: “As alegres fanfarras de “Giovinezza” já tocam e saúdam nossa vitória”. A “Giovinezza” era o hino oficial do Partido Nacional Fascista Italiano e no cais da Tavares de Lira ela foi tocada pela Banda da Polícia Militar.

Balbo e a maioria dos seus homens desembarcaram trajados à moda fascista – calças brancas, camisas negras, luvas e botas marrons. Os jornais apontaram que o ministro italiano foi apresentado com ar fatigado, olheiras, mas afável, sorridente e a todo momento externando agradecimentos. Em meio às autoridades brasileiras e italianas que receberam os aviadores, estava o industrial Fernando Gomes Pedroza, um apaixonado pela aviação.



Desembarque de Ítalo Balbo em Natal. Fernando Pedroza é o segundo da direita para a esquerda



A Esquadriha Balbo no Rio Potengi

O comandante afirmou em seu livro que desembarcou muito cansado e sem demora foi logo de carro para a Vila Cincinato, residência oficial do governador do Rio Grande do Norte. Uma verdadeira carreata, na época chamada de “curso de carros”, seguiu atrás do veículo do co-

mandante italiano. Após chegar à residência, Balbo se trancou e foi descansar, mas lá fora uma multidão se formou na calçada para tentar ver o líder fascista italiano. Já os oficiais ocuparam a antiga sede da Escola Doméstica, na Praça Augusto Severo, que estava toda ornamentada, ilumi-

nada, com várias bandeiras italianas e brasileiras e sem alunas, pois estavam de férias. Os sargentos foram alojados num prédio recém-construído pela administração do porto. Esses últimos almoçaram no Hotel Avenida, na Tavares de Lira, pertencente ao “majô” Theodorico Bezerra.

CAMISAS NEGRAS NO PALÁCIO POTENGI

No outro dia, Ítalo Balbo foi até a sede do Telégrafo Nacional, na Av. Tavares de Lira, 88. Ali foi atendido por Augusto Gonçalves Marques, chefe da estação, onde Balbo lhe agradeceu o apoio nas comunicações durante o voo e depois passou a enviar telegramas. Consta que o primeiro foi para Alberto Santos Dumont, na França, com os seguintes dizeres: “Tocando na sua bela terra depois de um voo transatlântico, eivo-vos, pioneiro das empresas aeronáuticas, a minha calorosa saudação”. O segundo telegrama foi para Mussolini, onde transmitiu as últimas notícias e informou que os membros



O contratorpedeiro Lanzerotto Malocello

da esquadriha “voltavam o seu pensamento devotado ao Duce”. Finalmente escreveu para o di-

tador Getúlio Vargas uma mensagem de agradecimento, mas sem tantos salamaleques.

Natal estava em verdadeiro êxtase. Para aonde Balbo e seus homens seguiram eram acompanhados por muita gente. Na passagem dos aviadores o povo ecoava vários “Vivas” a Balbo, Mussolini e à Itália. O movimento das pessoas foi tão grande que até os soldados do 29º Batalhão de Caçadores do Exército fizeram a guarda e a contenção nos locais onde eles se hospedaram e circularam. Enfim, eram figuras de destaque em todos os jornais do mundo e com uma atração que hoje em dia, talvez, só se compare às astronautas. Uma noite os italianos participaram de um jantar de “50 talheres” na Escola Doméstica.

Atracado no Porto de Natal estava o contratorpedeiro Lanzerotto Malocello. Do seu porão foi discretamente retirado um grande e pesado engradado. Este foi levado para uma área próxima ao porto, onde trabalhadores locais construíram uma grande base de alvenaria com três metros de altura e um imenso círculo no centro.

No Palácio do Governo, os italianos foram recebidos pelo então interventor federal Irineu Joffily e o interventor da Paraíba, Antenor Navarro, que ergueram brindes de champanhe pelo sucesso da empreitada de Balbo e seus comandados. Nessa ocasião, Balbo, general Giuseppe Valle e o coronel Umberto Maddalena estavam vestidos com uniformes de gala, mas vários italianos envergavam as nefastas camisas negras fascistas.



Ítalo Balbo e seus comandados com os interventores Irineu Joffily e Antenor Navarro (de óculos)

Na noite de 7 de janeiro, todos os aviadores foram para o salão nobre do Aeroclube de Natal, para um recital. Foram recebidos pelo casal Fernando e Branca Pedroza e se juntaram as autoridades, entre essas os interventores Joffily e Navarro. De início, Alberto Roseli, um rico comerciante de origem italiana que vivia em Natal há muitos anos, leu uma saudação a Balbo e aos aviadores. Após, um grupo de alunas do último ano da Escola Normal cantaram entusiasmaticamente a “Giovinezza”, para delírio e encanto dos militares italianos. Todos se colocaram de pé, cantando o hino com vigor e realizando a saudação fascista.

Depois, houve as apresentações musicais de alunos do Instituto de Música do Rio Grande do Norte, escola fundada pelo maestro Waldemar de Almeida. Entre os que se apresentaram estavam

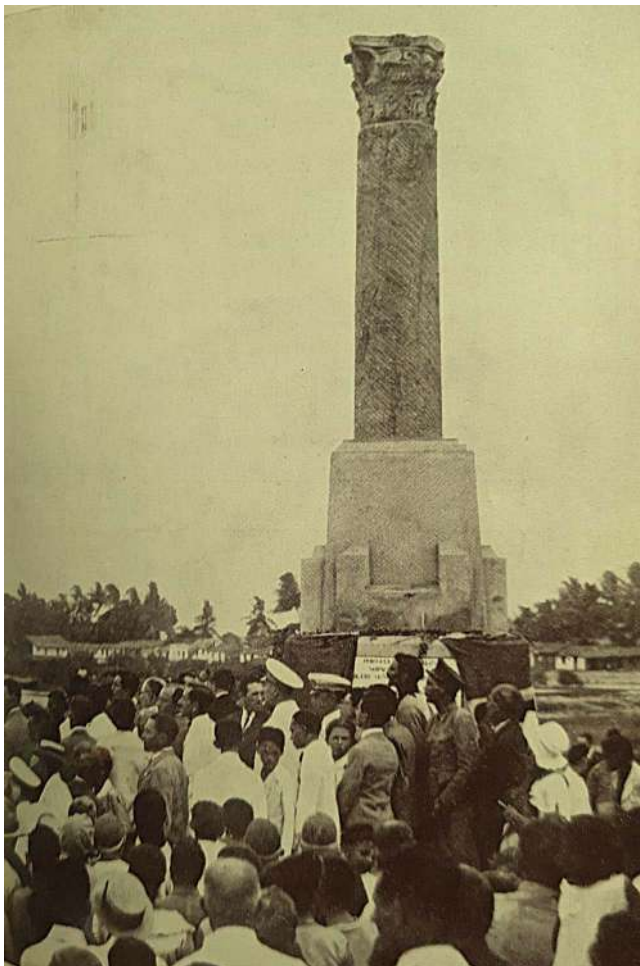
Dulce Cicco, Maria da Glória de Vasconcelos Sigaud, Odila Garcia, Anadyl Roseli, Eurídice Vilar Ribeiro Dantas, Dulce Wanderley, Ivone Barbalho. Waldemar de Almeida tocou ao piano a “Grande Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional Brasileiro”, uma composição do pianista e compositor norte-americano Louis Moreau Gottschalk. Para orgulho de Fernando e Branca Pedroza, o jovem Fernando Pedroza Filho também se apresentou, tocando ao piano as obras “Gavota” opus 123, da compositora e pianista francesa Cécile Chaminade, e o Prelúdio nº 20, de Frédéric Chopin.

Outro que se apresentou foi um garoto de nove anos chamado Orianne Corrêa de Almeida, primo de Waldemar de Almeida, que tocou uma “Marcha Militar” de Franz Shubert. Tempos depois esse garoto seria conhecido apenas como Oriano de Almeida

e se tornou um dos maiores pianistas da história da música brasileira. Segundo me informou o professor Claudio Galvão, autor do livro “O Céu Era O Limite: Uma Biografia De Oriano De Almeida” (2010), não dá para cravar que essa exibição no Aeroclube em 7 de janeiro de 1931 tenha sido a primeira de Orione, provavelmente ele já tinha feito outras em Natal, mas o garoto chamava atenção pela precocidade que, talvez, tenha visto Balbo e seus comandados.



Balbo e seus comandados cantando a “Giovinezza”



A Coluna Capitolina em Natal

A COLUNA ROMANA

No dia 8 de janeiro de 1931, uma quinta-feira, foi seguramente o mais movimentado dos italianos em Natal. De manhã cedo ocorreu a missa campal presidida pelo Bispo Dom Marcolino Dantas, com saudação aos aviadores que chegaram a Natal, homenagem aos que morreram na travessia e também a memória do falecido aviador italiano Carlo Del Prete, que esteve em Natal em 1928 junto com o colega Arturo Ferrarin. Estavam presentes todos os tripulantes dos hidroaviões, os militares do Lanzerotto Malocello, autoridades potiguaras e italianas, além de uma multidão de natalenses, principalmente os moradores da região da Ribeira e das Rocas. Durante a realização da missa, uma aeronave Breguet, da companhia de aviação francesa Latécoère, fez evoluções sobre a audiência e a multidão. Então, novamente a “Giovinezza” foi excetuada na capital potiguar e dessa vez pela banda do 29º Batalhão de Caçadores. Realmente esse hino, que não era o hino oficial do então Reino da Itália, estava fazendo um sucesso danado por aqui.

Em seguida, Dom Marcolino benzeu uma Coluna Romana de estilo coríntio, feita de mármore cinza, com cinco metros e oitenta centímetros de altura, uma base de três metros quadrados e confeccionada há mais de dois mil anos. Ela foi originária do Templo de Júpiter, na Colina do Capitólio, ou Monte Capitolino, uma das sete elevações sobre as quais foi fundada a cidade de Roma. Essa era uma das quatro colunas romanas existentes no Novo Mundo e foi um presente do regime de Benito Mussolini à cidade do Natal. Inclusive, a razão oficial para Natal receber um presente tão interessante e

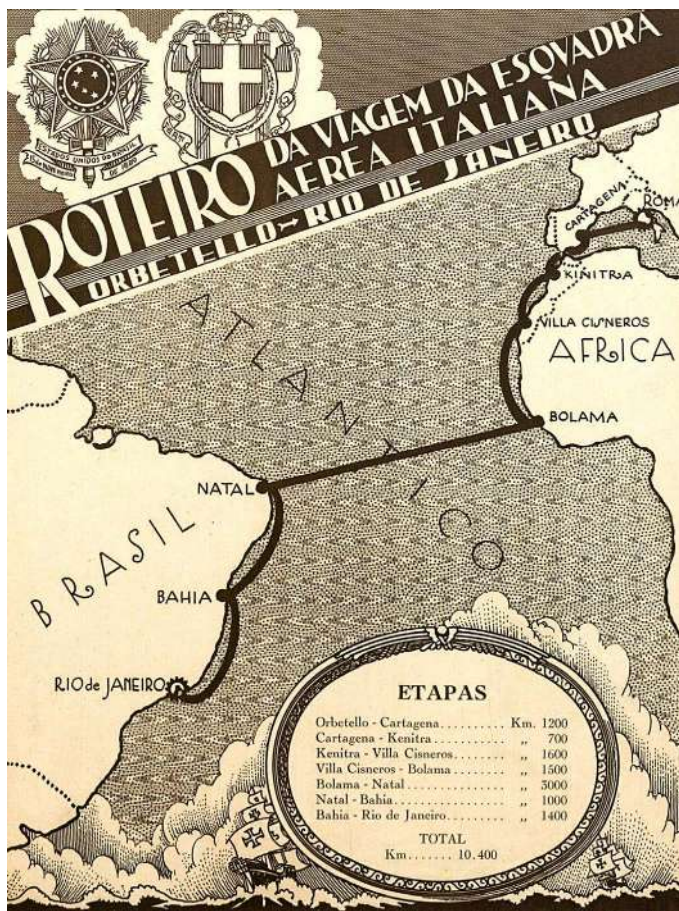
importante tinha relação com a passagem de Del Petre por aqui.

Após Ferrarin e Del Petre partirem de Natal em seu voo histórico de 1928, ocorreu um acidente aéreo no Rio de Janeiro e Carlo Del Petre faleceu, fato que gerou enorme repercussão mundial. No ano seguinte Arturo Ferrarin lançou um livro intitulado “Voli por Il Mondo”, onde conta detalhes do voo e descreveu de maneira muito positiva sobre como agiu o Governo do Brasil em relação a morte de Del Petre e como ele e seu amigo foram recebidos em Natal. A repercussão dessa obra então teria gerado no governo Mussolini, ao menos em parte, o desejo

de realizar a doação da coluna romana para Natal. Evidentemente que razões estratégicas, ligadas à expansão da aviação comercial italiana no Brasil, também explicaram a doação desse importante monumento histórico.

Após a missa, Balbo e os militares italianos estiveram na Praça Augusto Severo, onde prestarem uma homenagem ao aviador potiguar, que morreu em seu balão “Pax”, na cidade de Paris em dia 12 de maio de 1902. Balbo solenemente colocou uma coroa de flores na base da estátua de bronze do antigo aviador; abraçou seu filho Sérgio Severo Maranhão e todos os italianos realizaram a saudação fascista.

A noite, novamente os italianos e a sociedade natalense estiveram no Aeroclub, onde os italianos foram apresentados a dança do Maxixe. Conhecido como “Tango Brasileiro”, o Maxixe era uma dança de salão onde um casal se apresentava com bastante sensualidade dos movimentos corporais, o que causou grande furor na arcaica sociedade brasileira. É bem verdade que no início de 1931 essa dança andava meio fora de moda nas grandes cidades brasileiras, mas naquela noite no Aeroclub ninguém se importou muito com isso. Bem, tudo indica que nessa noite, enquanto a maioria dos aviadores assistiam, ou se arriscavam, no Maxixe no Aeroclub, o comandante Ítalo Balbo e alguns poucos oficiais se dirigiram para a casa do rico industrial potiguar Fernando Pedroza.



Rota do voo da Esquadilha Balbo

E O BANHO NA PRAIA DE AREIA PRETA?

A mansão dos Pedroza se localizava onde atualmente existe o encontro das Avenidas Nilo Peçanha e Getúlio Vargas, bem próximo do Hospital Universitário Onofre Lopes. Então, para saber mais desse encontro e sobre os anfitriões, procurei o funcionário público Antônio Carlos Magalhães Alves, mais conhecido em Natal como Toninho Magalhães, filho de Elza Pedroza e neto de Fernando e Branca Pedroza.

Toninho me narrou que seu avô Fernando Gomes Pedroza nasceu em 30 de março de 1886, no chamado Casarão dos Guarapes, na zona rural da cidade potiguar de Macaíba. A família Pedroza possuía muitos recursos, tendo Fernando ido estudar na Inglaterra e junto com ele seguiu o natalense Manoel Augusto Pereira de Vasconcelos. Um dia Fernando e Manoel viajaram para a Suíça, onde duas irmãs de Manoel estudavam em uma tradicional escola feminina daquele país. Nesse encontro, Fernando conheceu uma moça chamada Branca Fonseca Toledo Piza, natural de Sorocaba, São Paulo e amiga das irmãs de Manoel. Não demorou e o namoro começou entre Fernando e Branca, tendo logo resultado em casamento. Vieram viver em Natal e Fernando Pedroza cresceu na exportação de algodão, a principal fonte de riqueza do Rio Grande Norte durante décadas.

O casal frequentemente viajava para a Europa e acompanhou



Poster do voo da Esquadilha Balbo entre a Itália e o Brasil

o desenvolvimento cada vez mais intenso da aviação nas primeiras décadas do século XX. Muito desse interesse vinha do fato de Fernando ser sobrinho de Augusto Severo. Não podemos esquecer que Fernando, Manoel Pereira de Vasconcelos e Juvenal Lamartine, então governador potiguar, foram alguns dos fundadores do Aeroclube de Natal. Em uma viagem a Inglaterra, Fernando adquiriu dois biplanos de treinamento Blackburn Bluebird para a escola de aviação do Aeroclube, que era tocada pelo oficial naval e hábil piloto Djalma Cordovil Petit. Com toda essa paixão pela aviação, não

é surpresa e sua esposa tenham feito o convite a Ítalo Balbo e alguns oficiais para irem a sua casa.

Segundo Toninho Magalhães seus avós faziam questão de se encontrar, conhecer e trazer a sua casa pilotos estrangeiros que estiveram em Natal nessa época. Ele acredita que nesse encontro a conversa se desenvolveu em francês, o idioma internacional mais utilizado no Brasil naquela época. Essa casa já não existe mais, mas Toninho a conheceu e provavelmente eles devem ter ficado no jardim, com o visual do Oceano Atlântico iluminado pelo luar e depois entraram na casa



Ítalo Balbo em foto após o voo para o Brasil

para a sala de jantar. Através de informações familiares, Toninho sabe que Balbo deixou um cartão de agradecimento a Fernando Pedroza onde dizia “Fernando Pedroza, quando for a Roma não procure o general Ítalo Balbo, mas procure o amigo Balbo”.

Certamente deve ter sido um encontro bem interessante e positivo. Tanto que no outro dia, 10 de janeiro, enquanto Balbo e seus oficiais aguardavam a chegada do último S.55A de Fernando de Noronha, ele e o coronel Umberto Maddalena foram aproveitar a praia de Areia Preta. Estavam acompanhados de Dona Branca Pedroza, seus filhos Fernando, Sylvio Piza Pedroza e a caçula Elza Piza Pedroza, e quem fez a foto foi Fernando Pedroza. Todos se mostram muito alegres e molhados, realizando aquilo que é muito normal e natural aos natalenses – Levar para as nossas belas e calientes praias, os visitantes que vem de perto e de longe. Ali já não estavam mais dois dos membros mais importantes do Partido Fascista Italiano e renomados aviadores do seu tempo. Eram apenas dois turistas italianos deslumbrados com nossas belezas naturais e recebendo atenções que tão bem sabemos ofertar a quem nos visita.

O que ninguém em Areia Preta sabia naquela manhã de 10 de janeiro de 1931, era que dois meses depois o coronel Madallena estaria morto. Em 19 de março, no norte da Itália, sua aeronave explodiu em pleno voo. Acredita-se que a causa principal foi acúmulo

de gases de combustível na cabine, que detonou após Madallena, fumante inveterado, ter provocado uma faísca depois de acender um cigarro.

Já Ítalo Balbo, após completar com sucesso o voo para o Brasil, realizou entre julho e agosto de 1933 um voo com vinte e cinco hidroaviões S.55X, com destino final aos Estados Unidos, sendo essa uma empreitada de enorme repercussão internacional. Balbo levou adiante a construção de um culto político em torno da aviação, tendo alcançado enorme popularidade em todo o planeta, mas sendo considerado politicamente um forte rival de Mussolini. Então a situação de Balbo começou a declinar ante o Regime Fascista.

Ajudou nessa situação os

inimigos poderosos que fez por ser pró-judeu e, com o passar do tempo, cada vez mais antialemão. Eventualmente, ele se convenceria de que uma aliança com a Alemanha de Adolf Hitler traria ruína ao estado italiano, argumentando que a Itália deveria, em vez disso, ficar do lado de sua antiga aliada, a Grã-Bretanha. Diante dessas situações, o regime fascista impôs a Balbo que ele assumisse o cargo de governador da Líbia, no Norte da África, então colônia italiana. Ali ele se encontrava quando, em setembro de 1939, estourou a Segunda Guerra Mundial, com a entrada da Itália no conflito em 10 de junho de 1940.

Balbo participou da invasão do Egito por forças italianas, mas

dezoito dias depois, ele estava morto, abatido por fogo amigo enquanto tentava pousar seu trimotor S.79 em Tobruk, Líbia.

A Força Aérea Britânica, a famosa RAF, ao saber da morte de Balbo lançou uma mensagem de condolências em homenagem a “um aviador galante que o destino colocou do lado errado”. Teóricos da conspiração culpam Mussolini pela morte de Balbo, embora nenhuma evidência real de um plano de assassinato tenha sido descoberta. Em um epitáfio irônico de uma vida extraordinária, certamente teria divertido Italo Balbo que, durante a Batalha da Grã-Bretanha, os pilotos da RAF rotineiramente usassem seu nome para descrever qualquer grande formação de bombardeiros alemães.

Toninho Magalhães fala sobre a recepção pelos seus avós Branca e Fernando Pedroza





CAMPO DAS ARTES

Um refúgio **PARA AS ARTES**

ATOR LUÍS MELO CRIA ESPAÇO ONDE ARTISTAS PODEM SE APRESENTAR,
RESIDIR TEMPORARIAMENTE E ENCONTRAR INSPIRAÇÃO

Por Octávio Santiago

Não é por acaso que o Campo das Artes parece ter saído de um sonho. Por muitos anos, ele habitou o imaginário de Luís Melo, renomado ator de teatro e televisão, até se tornar realidade. Em meio à paisagem cativante dos Campos Gerais do Paraná, na pequena São Luiz do Purunã, a 60 km de Curi-

tiba, entre matas e araucárias, o espaço surgiu com o intuito de transformar o cenário artístico local e nacional. E tem cumprido muito bem essa promessa.

Mais do que um projeto pessoal, o Campo das Artes se destaca como um dos centros culturais mais singulares do Brasil, com uma proposta ino-

vadora: oferecer um refúgio para a arte e a cultura em meio à natureza. Seja em eventos pontuais ou por meio de residências artísticas, trata-se de um local onde fazedores de arte de todo o país podem apresentar-se, viver temporariamente, trocar ideias e, sobretudo, encontrar inspiração.

“O Campo das Artes é a materialização de um sonho antigo. O que vemos aqui reflete uma visão e uma profunda paixão pela cultura, proporcionando um espaço onde a criatividade pode florescer em cada metro quadrado e no seu entorno, na cidade, junto à comunidade. Assim, todos prosperam”, afirma Melo.

Como explica seu idealizador, o Campo das Artes foi concebido para ser um ponto de encontro vibrante para a pesquisa, produção e apresentação de ações artísticas e culturais, totalmente integrado à comunidade local. A arquitetura contemporânea harmoniza-se com a natureza ao redor, criando um ambiente tanto inspirador quanto funcional. Enquanto alguns visitantes passam o dia, outros permanecem por semanas. Luís Melo, por sua vez, decidiu fixar residência por tempo indeterminado.

A estrutura foi meticulosamente projetada para acomodar uma vasta gama de atividades culturais. Com um espaço multiuso amplo, além de áreas de convivência, pátio, alojamentos, ateliês e um refeitório com cozinha industrial espalhados por 164 mil m², o local está totalmente preparado para receber eventos e projetos diversos.

O espaço multiuso, em particular, tem sido o cenário de apresentações de teatro, dança, música, palestras, workshops e uma variedade de atividades em grupo. Equipado com revestimento termoacústico, sistemas de iluminação e som, cabine de controle e camarins, oferece máxima versatilidade cultural. Além disso, quando oportuno, serve também como uma galeria de arte.



“Temos realizado diversos eventos culturais que aproveitam a versatilidade do espaço, promovendo desde exposições até festivais de grande porte. À medida que é mais aproveitado e recebe novos usos, a programação tem se tornado mais intensa. A proximidade de Curitiba contribui muito para isso”, explica ele. De fato, apenas uma hora separa o refúgio da capital do Paraná.

Para os que decidem ficar um pouco mais, inclusive artistas do Rio Grande do Norte, os alojamentos são equipados com banheiros, copa, guarda-volumes e quartos coletivos com beliches para até 30 pessoas, ideais para residências artísticas e atividades de imersão.

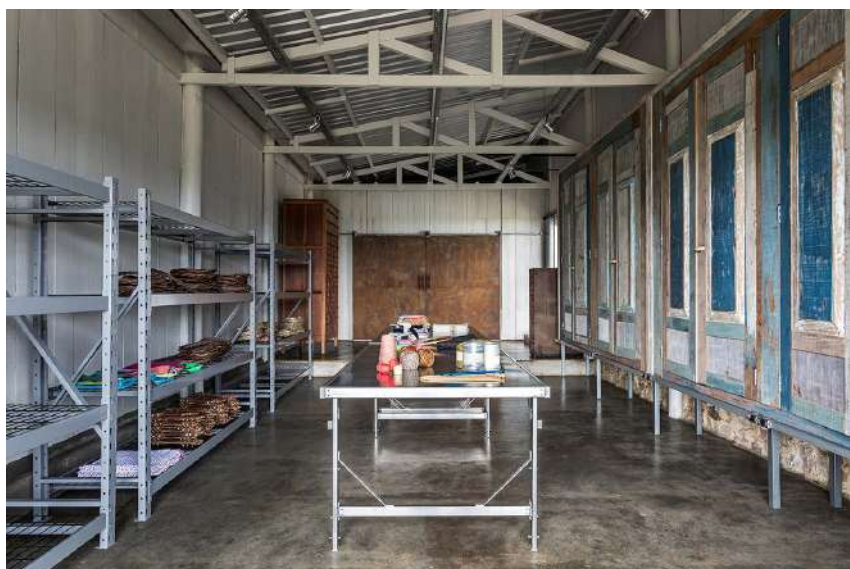
O Campo das Artes conta ainda com um lago para contemplação e lazer, além de uma horta e estufa dedicadas ao cultivo de plantas ornamentais, chás, temperos e vegetais orgânicos, que também permitem atividades educativas. Tudo pensado para que nenhum visitante seja indiferente ao espaço concebido pelo ator.

“Temos realizado diversos eventos culturais que aproveitam a versatilidade do espaço, promovendo desde exposições até festivais de grande porte. ... A proximidade de Curitiba contribui muito para isso”

Luís Melo tem uma longa trajetória no teatro, cinema e televisão, marcada por seu compromisso com a arte e a cultura. Nascido em 1957 em Curitiba, sua entrada no universo da dramaturgia se deu na década de 1970, por meio do curso permanente de teatro da Fundação Teatro Guaíra, na própria cidade. Uma década mais tarde, em São Paulo, sob a tutela do diretor Antunes Filho, no Centro de Pesquisa Teatral (CPT), o ator ganhou reconhecimento. Ao interpretar Macbeth, em “Trono de Sangue” (1992), foi agraciado com os prêmios Shell, Mambembe e Associação Paulista de Críticos de Arte, consagrando-se como um dos grandes atores de sua geração.

Três anos mais tarde, Melo foi convidado para atuar na televisão pela primeira vez, atingindo grande popularidade fora do meio teatral, com sucessos na TV Globo como “Cara & Coroa”, “O Cravo e a Rosa” e “A Padroeira”. O cinema veio em seguida, com grandes bilheteiras, como “O Auto da Compadecida”. A partir dos anos 2000, ele retorna a Curitiba e passa a dedicar-se também à formação de jovens profissionais do teatro, fundando o Ateliê de Criação Teatral (ACT).

Ao abrir as portas do Campo das Artes, Luís Melo não apenas inaugura um novo espaço cultural, mas oferece um legado para a comunidade de São Luiz do Purunã e para o Brasil. Um projeto de vida que vivifica o fazer artístico para além dos Campos Gerais. Um local onde a cultura se entrelaça com a natureza, numa nova dimensão para a expressão artística. E onde o maior intérprete do Diabo escrito por Ariano Suassuna cultiva a paz que é própria desse seu pedaço de céu.

CONTATOcontato@campodasartes.com.br**(041) 99944-0444**

PALATEZZE



RENATA RODRIGUES DE FREITAS - PEDAGOGA

Interessante refletir sobre o viés empreendedor em um mercado alimentício tão inovador e competitivo, onde se destacar é crucial. Acreditamos na importância de estar atentos às demandas mínimas que cada segmento exige. Por exemplo, ao definir uma estratégia de posicionamento, os detalhes mais simples são extremamente relevantes, pois entendemos que a qualidade reflete o bom desempenho e o desenvolvimento das micro e grandes empresas.

No ramo de alimentos, estar atento às tendências é fundamental para garantir uma gestão eficiente e não perder tempo na criação de algo novo. Às vezes, observar a concorrência pode mudar o rumo dos negócios. A melhor propaganda é aquela que permite que sua empresa seja lembrada mesmo quando não está em pauta. O importante é ser lembrado, seja diretamente através de frases, por meio visual com características da marca ou por som. Para ter sucesso, fazer a associação pode garantir destaque e valor para o mercado.

Sendo assim, criamos nossa marca Palatezze, garantindo que esses detalhes sejam percebidos, como sua paleta de cores e a maneira como o som é transmitido ao pronunciar o nome Palatezze. Seu significado remete à ideia de Pala = paladar e Tezze = delícia. Nosso nome tem valor e construiremos uma história.

A Palatezze trata cada detalhe com atenção, inovando seus produtos desde o pré-preparo até a venda e o pós-venda, sempre observando as recomendações de clientes, amigos e incentivadores da empresa. Sob a perspectiva de crescimento, estamos implementando serviços que exploram ao máximo as possibilidades, por meio de serviços complementares, como nossa presença em palestras, aulas e eventos em geral.

Entendemos que, para se destacar, é necessário testar todas as alternativas para o negócio.

Existe um ditado popular que diz: “a roda já foi inventada”. Nossa estratégia está inserida nesse contexto, pois não é necessário muito para fazer a diferença; às vezes, o básico bem feito pode ter tanto valor quanto a ideia mais extravagante.

O simples fato de estarmos atentos às causas sustentáveis, utilizando embalagens recicláveis para nossos produtos e buscando orientações e parcerias para contribuir com esse propósito, pode ser um diferencial significativo. Outra alternativa que criamos está ligada à inclusão. Ao oferecer atendimento em Libras, buscamos acolher a comunidade surda e oferecer um serviço diferenciado. Além disso, criamos conteúdo variado voltado especificamente para esse público.

No início da construção da Palatezze, a ideia surgiu após uma consultoria para um restaurante de carnes nobres que pretendia incluir pizzas em seu menu. Por motivos alheios, o projeto não foi concretizado. A partir de então, pensamos: por que não adaptar a ideia para a nossa realidade e seguir em frente com o projeto? Buscamos investidores e desenvolvemos uma pizzaria delivery em Fortaleza, Ceará.

Planejamos considerando cada detalhe e testamos minuciosamente tudo, pois nossa principal preocupação era otimizar o tempo, minimizar riscos e causar um impacto positivo. Cada dia traz novos desafios, e, aos poucos, estamos conquistando nosso espaço. Em nosso curto tempo de existência, o projeto tem passado por aperfeiçoamentos contínuos, e a troca de experiências e busca de conselhos tem sido decisiva para o bom trabalho.

Não podemos deixar de mencionar alguns nomes importantes nessa jornada de sucesso: Renata Rodrigues de Freitas, Rayanne Silva de Freitas, Diogo Zacarias, Fabiano Araújo de Freitas e, não menos importante, nossa consultora Luana Costa. Nosso objetivo é nos tornarmos uma empresa reconhecida e relevante no segmento.

ALTAR

Por Bebeto Torres

Um SIM chic, prestigiado pela top-sociedade, nos jardins da tradicional casa de Carmen e Jussier Santos, pais do noivo, em Natal. Assim foi o casamento de Mariana Azevedo e Beto Santos, ao som de jazz e voz da suberpe Sâmelá Ramos, com bênçãos do Padre Caio e oficialização pelo juiz Undário Andrade. Para festejar, decoração primorosa de Luciano Almeida e delícias by Olimpo. Para brindar, Gold Label, vinhos, coquetéis e espumante. Para dançar, o rock Mobydick, DJ Viny Miranda, Pedro Luccas, Pedro & Erick



Os noivos Mariana e Beto



Irmã do noivo, Ana Leila Santos, Carlos Eduardo Santos Pórtella, Ana Elise, Rodrigo Gargia, Carlos Henrique Santos Portella, Sarah Limeira



Altar sobre a piscina



Sobrinho da noiva, Lucca Azevedo anunciou a chegada de Mariana



Pai da noiva, Herculano Azevedo e os amigos Bruno Giovanni, Paulo Buda



Mãe da noiva, Maria do Carmo com os filhos Herculano Jr. e Isabelle Azevedo, e o genro Vinnícius Sousa



Trigêmeos filhos do noivo, Guilherme, com Leticia Pinheiro / Eduarda, com Diógenes Augusto Cunha Lima / Luísa, com Manoel Medeiros Filho



Pais do noivo, Carmen e Jussier Santos



Adriana e Sérgio Cirne



Jairo Alves e Walid Bou Chacra



Veruska e Kacá Borges, Valéria e Pedro Cavalcanti, Tereza Guerda e Henrique Fonseca



Heitor Gregório, Simone Silva e Enilson



Larissa Borges e Léo Maranhão, Cristine e Sérgio Gaspar



Beta e Marino Eugênio com o filho Luciano Almeida



Beta Almeida, Hilneth Correia, Eliana Lima, Undário Andrade, Rodrigo Loureiro



Tázia e Walmar Martins Marília e Jorginho Bezerra



Bruna Dantas e Brunaldo Biggi



Cláudia e Paulo Gallindo, Sandra Elali



Zélia e Paulo de Paula



Cristina e Anchieta Pinto



Fabiola e Glauber Rego



Flávia e Jefeferson Barbalho



Lígia e Expedito Ferreira de Souza



Loi Nodari e Hélio Neto



Marília Borges e Ronaldo Mello



Paulo Eduardo Cavalcanti, Priscilla Melo



Sandra Elali com Juliana e André Elali



Toinho Silveira e Liege Barbalho

GRANDE MOMENTO

Fotos Jovinho e Bebeto Torres

Em solenidade prestigiada, a juíza Sandra Elali tomou posse como desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte. Ocasão em que a filha-cantora Marina Elali interpretou majestosamente o Hino Nacional, acompanhada pelo músico Walterklayson Monastirski. Após, os convidados foram recebidos em impecável coquetel assinado por Adriana Rocha.



A emoção de Sandra Elali



Com o marido Sami Elali



André e Sami Elali com Amílcar Maia, Pte. do TJRN



Marina interpreta o Hino Nacional



Saudação do desembargador Ricardo Procópio



Dinamene e Amílcar Maia, presidente do TJ



Casal Arnaldo e Denise Gaspar



Desembargador Glauber Rêgo e Fabíola, Adriana e Edson Faustino



Eliana Lima e família Asfora - a matriarca Francisquinha, Helena, Rodrigo, Emília, Liene, Jordana



Eliana Lima, desembargador Cláudio Santos, juíza Soledade Fernandes



Arthur Cortez, presidente da Amarn



Juliana e André Elali

COR-DE-ROSA

Fotos Paulo Lima/Brasília

A Casa Cor no Estádio Mané Garrincha em Brasília foi palco de momento solidário com o tradicional Bingo Amigo da Rede Feminina de Combate ao Câncer, pilotado pela Rede Feminina de Combate ao Câncer (RFCC), que reuniu chíquimas e perfumadas na capital brasileira.



Cláudia e Maria Thereza Falcão, Heloisa Hargreaves, Moema Leão, Silvia Seabra e Rita Márcia Machado



Marli Vianna, Rita Márcia Machado, Wanzenir Edler e Maria Olímpia Gardino



A presidente Thereza Falcão com as filhas Cláudia e Flávia Falcão



Margarida Kalil, Denise Barbosa e Gislene Borges



Eliana Coutinho, Amarilis Prado e Neuma Gomes



Nilma Melo e Zaida Albea



Maria Alsimar e Maria Eugênia Melo, Rita Márcia Machado e Maria Olímpia Gardino